

# A REVOLTA DO ENCOURAÇADO SÃO PAULO: A HISTÓRIA COMO ACONTECEU

*As rebeliões populares, as conspirações políticas, as insurreições militares são manifestações patológicas de uma organização social em que se encontram proscritas a liberdade e a justiça (Protógenes Pereira Guimarães, Ministro da Marinha de 1931 a 1935)*

FRANCISCO CARLOS PEREIRA CASCARDO  
Capitão-de-Mar-e-Guerra (RRm)

---

## SUMÁRIO

- Introdução
- Os bastidores da Revolução: plano genial do levante da Esquadra e o motivo insignificante do seu insucesso
- O embaixador em tempo de crise
- Considerações inerentes às referências bibliográficas
- A história contada pelos documentos oficiais e legais
- A história como aconteceu  
*Enfim, eis a história como aconteceu*
- A ação política de Herculino Cascardo
- Final

## INTRODUÇÃO

A *Revista Marítima Brasileira*<sup>1</sup>, em seu volume nº 10/12, out/dez de 1999, publicou a

parte XXX do importante assunto "Os Militares e a Política Durante a República", de autoria do Almirante Mário Hermes, que se alia à história, não por adoção como a

1. HERMES, Mário Jorge da Fonseca. Os Militares e a Política Durante a República. Parte XXX. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 119 (10/12): 55 - 59, out./dez. 1999.

maioria dos que a ela se dedicam, mas por destino de nascimento, relaciona-se por sua ilustre ascendência àqueles militares que fizeram ação política na República Velha: os Marechais Deodoro da Fonseca, na Proclamação da República e seu primeiro presidente, e Hermes da Fonseca. Este governou o Brasil no período que vai de 1910 a 1914 e, seis anos depois, ao regressar da Europa, é eleito presidente do Clube Militar. A recusa do velho militar em aceitar a punição que lhe impusera o Presidente Epitácio, e o fechamento do Clube Militar, que se solidarizara com o seu presidente, precipitam os levantes de 5 de julho de 1922, Forte de Copacabana com os "18 do Forte", Escola Militar de Realengo e parte da Vila Militar.

Estava iniciado o ciclo de movimentos militares que marcariam a década de 1920 e que, devido às patentes da maioria dos seus participantes, entrou para a História com o nome de Tenentismo. A Revolta do Encouraçado *São Paulo*, juntamente com o Levante da Flotilha do Amazonas e a Conspiração Protógenes foram as suas manifestações na Marinha.

Por ter convivido com a história, o Almirante Mário Hermes escreveu os 30 artigos, abrangendo temas que não merecem ficar sepultados pelo esquecimento ou pela deliberada intenção de assim fazê-lo, como o sucedido ao Almirante Jerônimo Gonçalves, herói da Guerra do Paraguai e comandante da Esquadra Legalista por ocasião da revolta de 1893.

E também, pela oportunidade ensejada, de impedir outro grave prejuízo, este causado à memória de uma nação, e que reside na aceitação de opiniões pessoais, ainda

envolvidas nos apelos emocionais da época, sem sustentação em fatos ou documentos legais, embora estes últimos possam ser encontrados com lento e complexo trabalho de pesquisa, mas que constitui o seguro e garantido caminho da reconstituição da verdade histórica.

Como subtítulo do tema principal – Os Militares e a Política Durante a República –, o Almirante Mário Hermes apresentou "A Revolta do Encouraçado *São Paulo*" e, para este fim, dedica as páginas 55 a 59. O trabalho fundamenta-se, basicamente, em fonte única, no livro *Alexandrino, o grande marinheiro*<sup>2</sup>, de autoria do neto do homenageado, o Coronel Carlos de Alencar. Este, por sua vez, tem seu campo de pesquisa limitado a duas referências bibliográficas: um jornal, *A Noite*<sup>3</sup>, e um livro, *Um embaixador em tempo de crise*<sup>4</sup>, apresentados a seguir.

### **OS BASTIDORES DA REVOLUÇÃO: O PLANO GENIAL DO LEVANTE DA ESQUADRA E O MOTIVO INSIGNIFICANTE DO SEU INSUCESSO**

O jornal *A Noite*, de 8 de janeiro de 1927, publicou na sua primeira página o artigo acima intitulado que, incluído no livro *Alexandrino, o grande marinheiro*, foi por sua vez transcrito pelo Almirante Mário Hermes, às páginas 58 e 59 da *Revista Marítima Brasileira*:

"(...) (...) O quadriênio Arthur Bernardes foi marcado por uma sucessão de levantes, todos eles admiravelmente tecidos e preparados. Mas nenhum teve concepção mais cuidadosa, nenhum obedeceu a um planejamento mais inteligente e seguro, como aquele

2. ALENCAR, Carlos Ramos de. *Alexandrino, o grande marinheiro*. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1989, 247p.

3. "Os Bastidores da Revolução: O Plano genial do levante da Esquadra e o motivo insignificante do seu insucesso". *A Noite*. Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1927, p. 1.

4. SOUZA, Carlos Alves de. *Um embaixador em tempo de crise*. Rio de Janeiro. Editora Francisco Alves, 1979. 361p.

que na manhã de **4 de novembro de 1924** rebentou em cima das nossas mais poderosas unidades da Marinha de Guerra.”

“O urdimento da rebelião do *São Paulo* fora tão bem feito que não podia falhar (...).”

“De fato, a urdidura de uma revolta para ter sucesso deve basear-se, essencialmente, na psicologia do inimigo (...).”

“Nesse ponto, como em todos os outros, a sublevação do *São Paulo* se baseava na psicologia do maior inimigo a enfrentar: o Almirante Alexandrino de Alencar.”

“Todo mundo sabia quem era o Almirante Alexandrino. Um homem destemido, arrojado, de assombrosa coragem pessoal, que vendo o perigo, em vez de evitá-lo, ia ao seu encontro. Além disso, o finado Ministro da Marinha tinha o orgulho de considerar-se um verdadeiro ídolo no seio da sua classe.”

“Para Alexandrino não havia na Marinha chefe tão querido como ele. Os marinheiros, julgava ele, queriam-no como se fora um pai (...).”

“Admirem o plano surpreendente, tal como foi concebido: na manhã de 4 de novembro o *São Paulo* hastearia a bandeira vermelha da revolta. Hasteada a bandeira, a notícia chegaria aos círculos governamentais. Não poderia falhar: o Almirante Alexandrino se dirigiria ao encouraçado rebelado para acalmar, desarmar e prender os ‘meninos’. Estes deixavam-no chegar ao navio, subir a escada, entrar, e tendo-o lá dentro, então prendiam-no. Em seguida, ariavam a bandeira vermelha e a substituíam pela flâmula de Ministro da Marinha. Muito bem. Meia hora depois, uma outra flâmula tremularia no mastro. Seria a de Conselho de Comandantes. Tal flâmula chamaria para bordo do *São Paulo* todos os comandantes da Marinha ancorados na Guanabara.

“A esse chamado, sabendo-se que era ordenado pelo Ministro Alexandrino, nenhum dos comandantes dos navios

deixaria de correr para o referido encouraçado. E então, um por um seria preso, à proporção que fossem chegando.

“O Governo teria, fatalmente, de ceder. Todas as imposições poderiam ser feitas ao Catete (...).”

“Em poucas horas a face da política nacional estaria radicalmente mudada. E, talvez, sem um disparo de canhão, talvez sem um tiro de fuzil. A guarnição do Exército do Rio de Janeiro, já desfalcada com o envio de tropas para São Paulo e Rio Grande do Sul, seria a primeira a convencer-se da inutilidade da resistência. A própria população obrigaria o governo a ceder, diante da ameaça dos canhões de toda a Armada. Talvez antes do meio-dia o Presidente Arthur Bernardes já estivesse subindo a Serra do Mar em direção a Minas, e antes de uma hora da tarde devia estar implantado o governo dos rebeldes.”

“O plano era admirável! Mas, não há, na vida, nada que seja infalível. Não se pode garantir *a priori* o êxito de coisa nenhuma (...).”

“Foi o que se deu com a sublevação do *São Paulo*”.

“No começo tudo correu como se traçou (...).”

“O Almirante embarca numa lancha e dirige-se ao navio sublevado. Vai-se aproximando deste, vai-se aproximando, quando... É justamente aí, nesse ponto, que se opera o inesperado, tal fator mínimo com o qual ninguém contava. Um marinheiro por precipitação, ou excesso de zelo ou entusiasmo (não está bem apurada a coisa) dispara um canhão-revólver. Outro deflagra um tiro de carabina sobre a lancha do almirante.”

“Alexandrino percebe que a coisa é séria. Em vez dos ‘meninos’ lhes abrirem os braços, receberam-no a bala. E manda que a lancha rume em direção ao *Minas Gerais*. Estava completamente fracassado o plano. Num minuto desabara a arquitetura de edifício genial.”

"Tudo dependia de ter-se a bordo do *São Paulo* o velho Ministro da Marinha. Falhando isso, estava tudo falhado (...) (...)."

Da íntegra deste artigo, publicado em *A Noite*, deixaram de ser transcritos dois parágrafos de grande significado para o seu adequado entendimento. O primeiro, em continuação ao período "... de fato a urdidura de uma revolta para ter sucesso deve basear-se essencialmente na psicologia do inimigo...", é reproduzido a seguir:

"Para o Sr. Alexandrino de Alencar, não havia na nossa Marinha de guerra creatura tão querida como ele. Os marinheiros, assim pensava, queriam-no como se quer a um pae. *A sua voz era ouvida como se ouve a voz de um Deus. Um gesto seu tinha a virtude daquelle gesto de Jesus acalmando a tempestade no lago Genesareth. Dizia-se o Saldanha da actualidade.* E foi sobre o *píncaro desta vaidade delirante*, que os revolucionários do S. Paulo construíram o engenhoso e sólido edifício da sublevação."<sup>5</sup>

Era assim que o articulista do jornal via a personalidade do Almirante Alexandrino, julgando-o capaz de se auto-acreditar que: "pensava que sua voz era ouvida como se ouve a de um Deus, que um gesto seu tinha a virtude daquelle gesto de Jesus acalmando a tempestade no lago de Genesareth. Dizia-se o Saldanha da actualidade..." E, não satisfeito em retratar o Almirante, não como um ser normal, mas sim como considerando-se portador de um eu santificado, conclui que foi no "*píncaro desta vaidade delirante* que os revolucionários do S. Paulo construíram o engenhoso e sólido edifício da sublevação."

Felizmente para a Marinha, que teria dificuldades em explicar o comportamento de seu ministro, e para a reputação do velho e bravo marinheiro, seu avô, o Coronel Carlos

Ramos de Alencar e o Almirante Mário Hermes não transcreveram esta passagem. A intencional omissão corresponde à inadequação do texto do articulista de *A Noite* que, dotado de imaginação, esta sim, delirante, reputou o Almirante Alexandrino como capaz de auto-idealizar-se como um novo Messias.

E esta qualificada imaginação torna-se a característica dominante ao longo do artigo, que, por seu turno, serviu de fundamentação histórica à "A Revolta do Encouraçado *São Paulo*".

O outro parágrafo omitido referia-se à personalidade do responsável pelo plano da Revolta do Encouraçado *São Paulo*, assim descrita:

"Quem a teceu? Só mais tarde a história poderá esclarecer. Mas, seja quem for, um simples marinheiro, ou um official graduado, a verdade é que o autor só pode ser um homem de genio."<sup>6</sup>

Hercolino Cascardo, que comandou o *São Paulo*, ou os "meninos", provavelmente são os destinatários do generoso elogio, omitido.

## EMBAIXADOR EM TEMPO DE CRISE

Para facilitar o adequado acompanhamento pelo leitor, reproduzo a página 57 da *Revista Marítima Brasileira*, com as passagens mais significativas sublinhadas. Nela o Almirante Mário Hermes transcreveu as páginas 165 a 167 do livro do Coronel Carlos de Alencar que, por sua vez, repetiu as de números 31 e 32 do livro do Embaixador Carlos Alves de Souza:

"Na manhã de 4 de novembro de 1924, fomos despertados com a notícia de que o *São Paulo* estava revoltado, com os canhões de suas torres orientados para o

5. *A Noite*. op. cit. p. 1.

6. Idem

Palácio do Catete, e esperando a adesão de outros navios, da aviação, e da Flotilha de Submersíveis. O 'cabeça' da revolta era Cascardo e todo o pessoal que eu havia conseguido transferir para lá estava comprometido!"

"Despertamos o Almirante Alexandrino, e ele, sem a menor hesitação, deu-nos ordem para atacar a sua Lancha *Olga*. Ao entrar na lancha, o almirante cuja coragem, valentia e desprendimento eram reconhecidos até mesmo pelos seus desafetos, mandou o patrão da lancha seguir em direção ao São Paulo. Muniz Barreto e eu, que acompanhávamos, não ousamos fazer a menor observação. Estávamos nas proximidades do encouraçado quando começaram a atirar na lancha. Foi um instante de decepção e amargura para o ministro, que jamais pensou ousassem atacar uma lancha com o seu pavilhão. As balas caíam próximo de nós. Em dado momento atingiu um marinheiro que estava na proa. Então o almirante, como verdadeiro chefe, ordenou ao patrão para mudar de rumo e seguir em direção ao Minas Gerais (fundado a uns 200 metros de distância). Nem o ministro nem nós sabíamos o clima que encontraríamos a bordo do *Minas Gerais*. Fomos recebidos pelo Comandante Carlos de Noronha no portaló. Ele informou ao ministro que tinha prendido vários oficiais do navio, ligados aos revoltosos. Disse, também, que confiava nos demais subordinados; que já havia providenciado o acendimento das caldeiras, porém precisaria de algumas horas para se locomover e para que as torres funcionassem.

"O almirante subiu ao posto de comando, mandou içar o seu pavilhão e deu-me as seguintes instruções: 'Vá ao Palácio do Catete, conte ao presidente a real situação que aqui encontrei. Diga-lhe, ainda, que pretendo atacar os revoltosos logo que as torres do *Minas* funcionem, mas que preciso da autorização dele para torpedear o *São*

*Paulo* e mandar aviões persegui-lo'. Fui ao Catete e depois de obter a autorização do presidente segui para o capitânia da Flotilha de Submersíveis. Senti da parte dos submarinistas a maior má vontade em cumprir as ordens do ministro. Estavam todos comprometidos, mas não tiveram coragem de aderir ao movimento revolucionário. O *São Paulo*, mesmo antes de o *Minas Gerais* ter os fogos acesos, saiu da Guanabara e não atacou o Palácio do Catete."

"Devo dizer que a minha maior surpresa foi a revolta ter sido chefiada pelo Herculino Cascardo..."

"Anos depois, o Cascardo, processado como um dos chefes da Aliança Libertadora, organização comunista, procurou-me para pedir a minha intervenção junto a um parente meu, Washington Vaz de Melo, procurador da Justiça Militar para que não fosse feita sobre ele carga demasiadamente forte."

O autor do livro era o ex-oficial de Marinha José Carlos Alves de Souza, seu nome de ingresso na Escola Naval em 1915, mesmo ano que Herculino Cascardo. Era na época primeiro-tenente e servia como auxiliar no Gabinete do Almirante Alexandrino. Pedindo demissão da Marinha logo após o levante do Encouraçado *São Paulo*, por indicação de Alexandrino é nomeado para o Corpo Diplomático, sendo o seu primeiro posto na carreira a cidade de Montevidéu, onde o governo do Brasil travava uma luta diplomática com o do Uruguai. Este último acabara de conceder asilo político aos sete oficiais e 252 marinheiros do *São Paulo*, enquanto os esforços da diplomacia brasileira eram no sentido de que fossem todos presos e repatriados. Casa-se com a filha do Presidente Arthur Bernardes, Clélia, escolhendo para seu padrinho o Almirante Alexandrino. Durante a sua longa carreira, ocupou importantes postos diplomáticos, destacando-se as embaixadas em Havana, Roma, Paris e Londres.

Após retirar-se do serviço diplomático, já tendo passado 55 anos dos fatos relatados, publica o seu livro. Ao não revelar as fontes de referências ou a bibliografia, o autor autoriza a suposição que contou apenas com o apoio da sua memória. Seu livro, *Um embaixador em tempo de crise*, é a sua história de "A Revolta do Encouraçado São Paulo".

O autor dedica mais espaço a elogiar a atuação do Almirante Alexandrino e a valorizar a si mesmo, do que a reconstituir, esclarecer, explicar, ou narrar as suas causas, o desenvolvimento, enfim as lições que o acontecido levaria às gerações posteriores.

A roda da fortuna gira ao capricho do destino e nem sempre da mesma maneira. Os "meninos" do *São Paulo*, derrotados em 4 de novembro de 1924, foram os vitoriosos em 3 de outubro de 1930, enquanto os vencedores de 24, anteriormente vencidos em 1893, foram os derrotados em 1930, por ocasião da revolução que depôs o Presidente Washington Luiz. A história reservou aos últimos o epíteto de "carcomidos".<sup>7</sup>

## CONSIDERAÇÕES INERENTES ÀS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

As duas fontes utilizadas, o livro do Embaixador Carlos Alves de Souza e o jornal *A Noite*, apresentam como característica marcante o predomínio da imaginação em detrimento da realidade, o que na literatura psiquiátrica é conhecida pela denominação de "wishfull thinking".

A validade do trabalho apresentado pelo Almirante Mário Hermes, baseia-se na con-

fiabilidade que elas possam apresentar, e será demonstrado que não o são. Isto porque, como se verá, através de documento oficiais da Marinha e da Justiça Militar, os fatos não se passaram da forma como foram escritos, e sim como:

*O Primeiro-Tenente Carlos Alves de Souza não acompanhou o Almirante Alexandrino a bordo da Lancha Olga, o que invalida o que escreveu a esse respeito.*

*A lancha conduzindo o Almirante Alexandrino dirigiu-se para bordo do Encouraçado Minas Gerais.*

Ressalte-se que nas duas fontes inexistem um contraditório, o qual permita através da tese e da antítese, ou de opiniões contrárias, a depuração de personalismos, vaidades, antigos rancores, preconceitos, intolerância, partidarismos, paixões políticas, de forma a filtrar e purificar os informes e levar a reconstituição do fato histórico.

É oportuno e importante trazer ao estudo do tema a opinião daquele que é o mais citado: a do Almirante Alexandrino de Alencar. Paradoxalmente, não se recorre a ela. No entanto, como Ministro da Marinha, certamente ele a registrou em documentos, como serão apresentados.

Singularmente, não foi apresentado o ponto de vista dos tenentes do *São Paulo*, embora haja no Serviço de Documentação da Marinha dois depoimentos: o do Almirante Augusto do Amaral Peixoto Júnior<sup>9</sup> e do Almirante Benjamim Audiffrent Xavier<sup>10</sup>, cujas algumas horas de gravação permitiriam ampliar o nível de conhecimentos sobre o assunto. O Almirante Augusto do Amaral Peixoto Júnior deixou o seu arquivo pessoal

7. Epíteto dado por José Américo de Almeida aos partidários do governo deposto em outubro de 1930, e que foi incorporado à história política brasileira.

8. HORNEY, Karen. *Neurose e Desenvolvimento Humano*. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 36-9.

9. PEIXOTO, Augusto do Amaral. Depoimento Oral. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975, Fita nº 10.

10. XAVIER, Benjamim Audiffrent. Depoimento Oral. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1975, Fita nº 5.

para Fundação Getúlio Vargas, onde no CPDOC constituiu o Fundo que tem o seu nome. Nele acham-se: o manuscrito redigido em Montevidéu, seu livro autobiográfico, outro depoimento oral à semelhança do prestado ao Serviço de Documentação da Marinha, e a documentação reunida no exílio passado no Uruguai e na Argentina.

Esta extensa documentação, abrangendo um período de seis anos, inclui a Conspiração Protógenes, os acontecimentos passados a bordo do *São Paulo* por ocasião do levante; a prisão dos oficiais legalistas; o sucedido no interior da Baía de Guanabara; a tentativa de levante no Encouraçado *Minas Gerais*; a ida da lancha do Almirante Alexandrino para bordo do *Minas Gerais*; as adesões que não aconteceram; a contra-revolta de parte da guarnição; a limitada condição operacional do encouraçado; o combate com as fortalezas da barra; a viagem para o sul; o temporal no mar; a ação da Esquadra legalista, a tentativa de entrada no porto do Rio Grande; a tentativa seguinte em Castilhos; a chegada a Montevidéu; o combate de Galpones, no qual oito marinheiros do *São Paulo* foram degolados quando já se achavam em território uruguaio (localiza-se nas proximidades de Campo Osório, lugar onde Almirante Saldanha foi morto); e como os tenentes e praças do *São Paulo* continuaram a conspirar, e a combater, até a deposição de Washington Luiz em 1930.

Estes assuntos, de tratamento mais amplo, constituem outro trabalho já em andamento, aguardando o seu término para divulgação.

É dogma da técnica da informação, e igualmente se aplica à de pesquisa, não confiar-se em fonte única. Para não incorrer em procedimento semelhante, são relacionados a seguir os documentos oficiais e legais que, com exceção do último deles, embora há 76 anos existentes na Marinha, não foram objetos de pesquisa pelos que se propuseram a escrever sobre A Revolta do Encouraçado *São Paulo*.

Esta documentação, com a autoridade que lhe é outorgada pela sua origem, invalida o artigo publicado no jornal *A Noite*, os escritos de autoria do Embaixador Carlos Alves de Souza, bem como aqueles que foram os seus conseqüentes. São eles:

1 – Actos do Ministro (Elogios) de autoria do Almirante Alexandrino de Alencar.<sup>11</sup>

2 – Inquérito Policial Militar do Encouraçado *São Paulo*.<sup>12</sup>

3 – Comunicação do Chefe do Gabinete, Capitão-de-Mar-e-Guerra Arnaldo Pinto da Luz, ao Ministro da Marinha Almirante Alexandrino de Alencar.<sup>13</sup>

4 – Inquérito Policial Militar do Encouraçado *Minas Geraes* – Comunicação do Commandante do E. “Minas Geraes” ao Commandante em Chefe da Esquadra Brasileira – Occorrencias Havidas a Bordo do E. “Minas Geraes” por Occasião da Revolta do E. “São Paulo”<sup>14</sup>

5 – Denúncia Apresentada pelo Procurador Criminal da Republica Sobre os Acontecimentos Passados a Bordo do Encouraçado “São Paulo”.<sup>15</sup>

6 – Arquivo Almirante Augusto do Amaral Peixoto Júnior:

11. BRASIL. Ministério da Marinha. Estado-Maior da Armada. Ordem do Dia Nº 91. Actos do Ministro – Elogios. Rio de Janeiro, 1924. p. 63, 64.

12. BRASIL. Ministério da Marinha. Inquérito Policial Militar do Encouraçado São Paulo. Rio de Janeiro, 1924. Superior Tribunal Militar.

13. LUZ, Arnaldo Pinto da. Comunicação do Chefe do Gabinete ao Exmo. Sr. Ministro da Marinha. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1922. Serviço de Documentação Geral da Marinha.

14. BRASIL. Ministério da Marinha. Inquérito Policial Militar do Encouraçado *Minas Geraes*, Rio de Janeiro 1924. Superior Tribunal Militar.

15. PINTO, Heráclito Sobral. Denúncia Apresentada pelo Procurador Criminal da República Sobre os Acontecimentos Passados a Bordo do Encouraçado *São Paulo*, Rio de Janeiro, s.n.t., 9 de março de 1926.

- Livro Autobiográfico<sup>16</sup>
- Manuscrito sobre o *Levante do Encouraçado São Paulo* – Montevidéu.<sup>17</sup>
- Depoimento prestado à FGV/CPDOC.
- Depoimento prestado ao Serviço de Documentação da Marinha. Fita nº 10.

Ressalte-se a proximidade no tempo, que os documentos apresentam, em relação ao levante do dia 4. A comunicação do Comandante do *Minas Gerais*, data do dia seguinte. A do Chefe do Gabinete é do dia 15. O Almirante Alexandrino fez os elogios no dia 20. O primeiro IPM é de dois meses depois e o segundo seis meses. A denúncia do Procurador Criminal da República foi apresentada em 9 de março de 1926, menos de dois anos. O manuscrito do Almirante Augusto do Amaral Peixoto Júnior, redigido no Uruguai não apresenta a data. Porém não ultrapassará o ano de 1930, quando do seu regresso ao Brasil.

O artigo de *A Noite* foi publicado em 7 de janeiro de 1927 e o livro do Embaixador Carlos Alves de Souza, foi editado passados mais de meio século, 55 anos depois, em 1979.

Com exceção do item 6, os demais são de autoria de pessoas do círculo mais próximo ao Almirante Alexandrino, como do seu Chefe de Gabinete, ou de oficiais que combateram o levante, como o comandante do Encouraçado *Minas Gerais* e o encarregado do IPM relativo ao *São Paulo*. Os dois restantes são os do Procurador Criminal da República e do encarregado do IPM relativo ao *Minas Gerais*. Estas autoridades dificilmente poderão ser suspeitas de facciosidade, favoráveis aos revoltados, como bem demonstra a natureza dos cargos por elas ocupados, ou a condição de escolha no caso dos encarregados de IPM.

Estes documentos oficiais, à exceção do item 6 que é testemunho pessoal, encontram-

se no Superior Tribunal Militar, Serviço de Documentação da Marinha e FGV/CPDOC, bem como cópia em meu poder que coloco à disposição daqueles que desejem, pesquisando, ampliar o conhecimento deste período da história do Brasil, e da qual a Marinha também participou. Anteriormente foram sugeridos ao Almirante Mário Hermes, que declinou.

## A HISTÓRIA CONTADA PELOS DOCUMENTOS OFICIAIS E LEGAIS

### 1 – Actos do Sr. Ministro (ELOGIOS) –

O Almirante Alexandrino seguira para o sul em busca do *São Paulo*. Tinha ordenado a concentração em Anhatomirim, ao norte da Ilha de Santa Catarina. Chegaram o Cruzador *Barroso*, os Contratorpedeiros *Amazonas* e *Rio Grande Norte*, a Barca d'Água *Dr. Gondim*, o Rebocador *Dorat*, do Lloyd Brasileiro e o Navio Faroleiro *Te-nente Lahmeyer*. O pampeiro que soprava imobilizou-os do dia 8 até a 10. Enquanto isso o *São Paulo*, também acossado pelo mesmo temporal, durante dois dias tentava, sem resultado, demandar o porto de Rio Grande. Sua localização tornou-se possível a partir do momento em que ele trocou mensagens radiotelegráficas com o *Prudente de Moraes*, que avisou a direção do Lloyd Brasileiro. Este imediatamente retransmitiu para o *Minas Gerais*, incluindo a informação de que o *São Paulo* pedira prático para demandar Montevidéu.

Ao tomar conhecimento no dia 10, o Ministro Alexandrino, após ordenar ao *Minas Gerais* que seguisse para Montevidéu e aguardasse ao largo, transferiu-se para o Cruzador *Barroso* e retornou ao Rio de Janeiro, chegando na noite de 11. Como estava programada festiva recepção na manhã

16. PEIXOTO, Augusto do Amaral. *Autobiografia*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, s.d.

17. PEIXOTO, Augusto do Amaral. Manuscrito – Memória da Revolução. Montevidéu. FGV/CPDOC, s.d.

do dia 12, o Ministro pernitoou a bordo e desembarcou no cais do Arsenal, onde era aguardado pelo representante do presidente da República, chefe da Casa Civil, ministros da Guerra, Justiça, Agricultura, Relações Exteriores, Fazenda e Viação, chefe de Polícia, prefeito do Distrito Federal, senadores, deputados, comandante do Corpo de Bombeiros, uma comissão de lentes da Escola Naval, elevado número de militares, etc. Acompanhado por grande cortejo, o Ministro Alexandrino foi apresentar-se ao Presidente Arthur Bernardes.<sup>18</sup>

Chegado o momento de reconhecer as diferentes participações dos seus oficiais de gabinete, a cada um segundo os seus méritos, o Almirante Alexandrino mandou publicar os elogios que fizera, e que foram em número de dois.

Um com os adjetivos específicos da situação vivida, exclusivamente para aquele oficial que o acompanhara a bordo da *Olga*. Neste mesmo elogio, Sua Excelência, em poucas palavras, define o *Minas Gerais* como o destino da lancha. O segundo relaciona, nominalmente, os oficiais que tinham permanecido em terra, no Gabinete, sob às ordens do respectivo chefe, e que efetivaram as providências por ele determinadas.

Ei-los:

"Elogio N. 4611-D – Ministerio dos Negocios da Marinha – Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1924. Sr. Chefe do Estado Maior da Armada:

"1 – Louvae, em Ordem do Dia, o Capitão-Tenente William Muniz Barreto, meu Official de Gabinete, *que me acompanhou quando segui para bordo do Encouraçado Minas Geraes*, a 4 do corrente, para bater o Encouraçado *São Paulo*, pelo sangue frio e cora-

gem de que deu prova, ao ser alvejada pelos amotinados a lancha que me conduzia..."<sup>19</sup>

Fazendo este elogio, indicando o Capitão-Tenente William Muniz Barreto como o único official que o seguiu, o Almirante Alexandrino, também, revela o *Minas Gerais como destinação da Lancha Olga*. Evidência que o *Primeiro-Tenente Carlos Alves de Souza não embarcou na lancha*, quando da ida para bordo.

Em outro Elogio, abrangendo os *oficiais que ficaram em terra* às ordens do Chefe de Gabinete, Alexandrino, significativamente, *inclui o Primeiro-Tenente Carlos Alves de Souza*:

"Elogio N. 4611- C – Ministerio dos Negocios da Marinha – Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1924. Sr. Chefe do Estado Maior da Armada:

"1 – Louvae em Ordem do Dia, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Arnaldo Pinto da Luz, Chefe do meu Gabinete, pela execução rápida e enérgica que soube dar às ordens emanadas de bordo do E. 'Minas Geraes' onde eu me achava, e tendentes a annullar e combater o levante do E. 'São Paulo', a 4 do corrente.

"2 – Este louvor deverá ser extensivo ao Capitão-Tenente Manoel Eloy Alvim Pessoa, Primeiros-Tenentes Garcia d'Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque, 1º Tenente Carlos Alves de Souza e 2º Official da Directoria Geral de Contabilidade Francisco de Araújo Reis Vianna, que auxiliaram com a maior dedicação, o Chefe de Gabinete, e, sob a sua orientação cooperaram efficazmente para o bom êxito de todas as providencias que se tornaram necessárias..."<sup>20</sup>

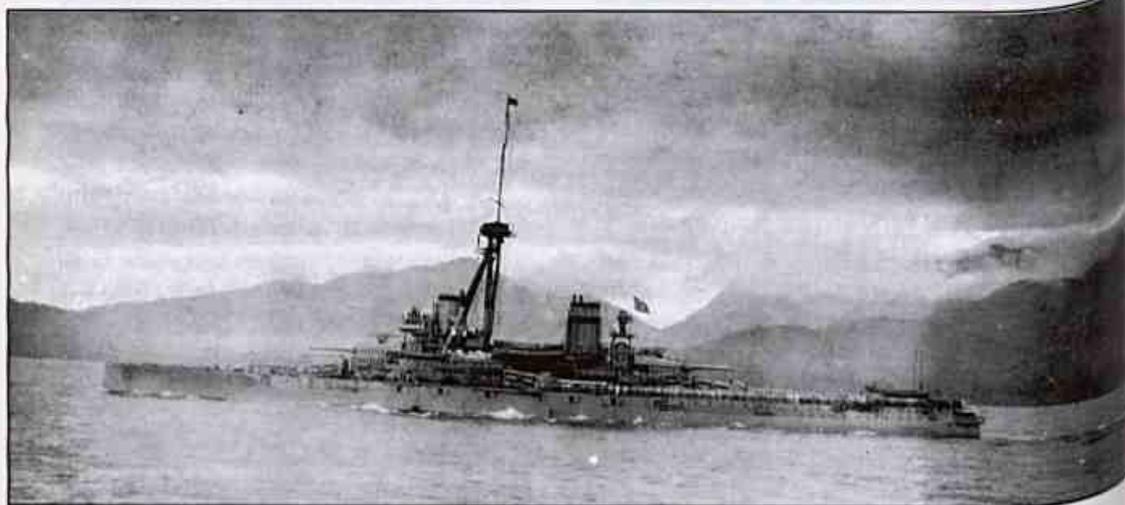
Este segundo Elogio, definindo a localização dos agraciados como sendo o Gabinete

18. O Regresso do Almirante Alexandrino de Alencar. *A Noite*. Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1924. p. 1.

19. ALENCAR, Alexandrino. Elogio nº 4.611-D. Ordem do Dia do EMA nº 91, de 21 de novembro de 1924. p. 63.

20. ALENCAR, Alexandrino. Elogio nº 4.611-C. Ordem do Dia do EMA Nº 91, de 21 de novembro de 1924. p. 63.

Grupo na "república" dos exilados em Pocitos, Montevideu. Da esq./dir.: Nelson Tabajara, Benjamin Xavier, Hercolino Cascardo, Bráulio Gouvêa, um visitante e Mário Alves (agachado), em 1925. Foto: Arquivo Augusto do Amaral Peixoto (FGV/CPDOC)



O Encouraçado *São Paulo* na década de 1920 (Foto: SDM)



Cemitério São João Batista, em 1931. Inauguração do mausoléu dos marinheiros mortos em Galpones em 10 de dezembro de 1924. Ao centro, Ademar Siqueira, ladeado por Protógenes Guimarães (à sua direita) e Augusto do Amaral Peixoto. Foto: Arquivo Augusto do Amaral Peixoto (FGV/CPDOC)

do Ministro, reitera que o 1<sup>o</sup> Tenente Carlos Alves de Souza não embarcou na lancha Olga, acompanhando o Almirante Alexandrino.

## 2 - Inquérito Policial Militar, relativo ao Encouraçado São Paulo

O Capitão-de-Corveta Alberto dos Lemos Bastos servia na Escola Naval de Guerra. Na manhã de 4 de novembro de 1924, ao tomar conhecimento do levante do Encouraçado São Paulo, apresentou-se como voluntário a bordo do Encouraçado Minas Gerais, sendo designado para ocupar, em caráter de emergência, a chefia da torre número 1. Seguiu com o Minas Gerais para o sul e, no Porto de Montevidéu, embarcou no Encouraçado São Paulo, sendo designado encarregado do Inquérito Policial Militar. A portaria de nomeação, assinada pelo Comandante-em-Chefe da Esquadra, Contra-Almirante José Maria Penido, de 14 de novembro de 1924, dizia:

“Chegando ao meu conhecimento que o Encouraçado ‘São Paulo’, no dia 4 do corrente, declarou-se revoltado, delego-vos as atribuições policiais que me competem afim de que tomeis conhecimento do alludido facto, procedendo ao respectivo inquérito para os fins convenientes.”

O Capitão-Tenente Aurélio de Azevedo Falcão, escolhido para escrivão, servia na Escola Naval, onde era lente da Cadeira de Balfística. Com o mesmo procedimento do Comandante Lemos Bastos, ciente do acontecido a bordo do São Paulo, embarcou como voluntário no Minas Gerais, cabendo-lhe a chefia da torre número 6. Seguindo viagem para o sul, desembarcou em Montevidéu, apresentando-se no São Paulo.

Todos os dois eram conhecidos pelo seu rigor de atitudes, principalmente o último, que durante muitos anos como professor de Balfística na Escola Naval deixou marcante lembrança de inflexibilidade, quando da avaliação dos conhecimentos, às numerosas gerações de aspirantes. Dotado de característica ironia, que não poupava os mais próximos, durante as infrutíferas buscas ao São Paulo marcou a sua presença, no dizer do Segundo-Tenente Pedro Paulo de Araújo Suzano, quando:

“Com a sua verve habitual, fazia blague com o pessoal do Estado-Maior do Comando da Esquadra e dizia que o Hercolino Cascardo tinha conseguido escapar por não ter usado o Método de Exame de Situação preconizado pela Escola Naval de Guerra.”<sup>21</sup>

O IPM foi iniciado em 14 de novembro de 1924, no primeiro dia da viagem de regresso do São Paulo. Desenvolveu-se ao longo de quase seis meses, sendo concluído em 2 de maio de 1925. Foram relacionados 301 indiciados, deixando de prestar depoimento os sete oficiais e 252 praças que desembarcaram em Montevidéu, e ouvidas 74 testemunhas.

Em 833 folhas manuscritas, ele apresenta e esclarece um amplo espectro de situações como; o início do movimento; a intimação feita ao Minas Gerais; os sinais externos da revolta; a chegada do hidroavião N-411; a movimentação da 6<sup>a</sup> lancha; o recebimento das estopilhas para os canhões de 305 e 120 mm; o desembarque de oficiais; a ida da lancha do Ministro da Marinha para o Minas Gerais; os movimentos do São Paulo no interior da baía; a reação dos suboficiais e inferiores; o combate com as fortalezas; as razões do abandono da Guanabara; as sucessivas intenções depois de deixarem o Rio de Janeiro; a morte do Sargento Escrevente

21. SUZANO, Pedro Paulo de Araújo. *A Ação das Forças Legais na Revolta do Encouraçado São Paulo, de 4 a 21 de Novembro de 1924*. Rio de Janeiro, fevereiro de 1967, p. 17. Serviço de Documentação Geral da Marinha.

Callado; a tentativa de sublevação do *Minas Gerais*; as declarações dos revoltosos sobre o preparo, fins da revolta e os elementos com que contavam; as funções de cada um a bordo; o desembarque em Montevidéu, etc.

Do grande número de informações prestados pelo IPM, serão extraídas aquelas que, diretamente, relacionam-se com as fontes, ou referências bibliográficas utilizadas em *A Revolta do Encouraçado São Paulo*, e em especial as que abordam, a ida da lancha do Almirante Alexandrino para o *Minas Gerais* e o artigo de *A Noite* (suposta prisão do Almirante Alexandrino a bordo do *São Paulo* e o *Conselho de Commandantes*).

A – Movimentação da lancha do Almirante Alexandrino.

Do IPM foram relacionados os seis depoimentos, abaixo, como os de importância para esclarecer a movimentação da lancha que conduzia o Ministro da Marinha, bem como os disparos efetuados. Os dois primeiros foram de indiciados e os outros quatro de testemunhas.

“1 – Antonio Ferreira de Souza, 2º SG 1545 ST – ‘Que estava no passadiço em cumprimento da ordem recebida, pouco antes das 8 horas. Que na ocasião de ser içada a Bandeira, em vez do Pavilhão Nacional foi içada por ordem de Cascardo a bandeira B (vermelha), tendo sido feito um disparo com projectil, tanto que o indiciado viu o projectil cair n’água na direcção do mercado velho.

‘Que enquanto isto se passava Cascardo foi avisado que se aproximava uma lancha com o Pavilhão do Ministro da Marinha, ordenando que atirassem sobre ella e não deixassem atracar no Minas Geraes.

‘Que effectivamente ouviu alguns disparos e depois em viagem ouviu commentarios que os primeiros tinham sido dados como intimação’”. (fls 49)

2 – Hypolito Antonio Ferreira, 1ª CL 6080 A – “Que pouco depois das 8 horas o navio largou da bóia e estava se movendo lenta-

mente, quando em uma lancha particular chegou o M.N. Brasil Gonçalves, de uniforme de licença (azul), descendo logo para a machina.

“Que pouco depois passou uma barca de Nictheroy, sobre a qual foi feito um disparo de 47 m/m que cortou um *estay* da chaminé da dicta barca.

“Que quase ao mesmo tempo dirigiu-se para bordo do *Minas Geraes* a lancha do Ministro da Marinha, sobre a qual atiraram de bordo do *São Paulo*, tres tiros de 47 m/m, que não attingiram, mas um delles attingiu o *Encouraçado Minas Geraes*” (fls 78).

3 – Odilon Boa Morte – Fazia parte da guarnição da 6ª lancha que tinha como patrão o M.N. 1ª CL 5592-A Propércio Tavares, e que até ser quebrado o sigilo do levante constituía o meio de comunicação do *Encouraçado São Paulo*. Graças à sua alta velocidade, a 6ª lancha prestou inúmeros serviços. Entre eles, levou: a intimação ao *Encouraçado Minas Gerais*; a mensagem de início do movimento para a Escola Naval e Escola de Aviação Naval; foi ao cais do Arsenal tentar liberar o regresso de licenciados; recebeu as estopilhas para os canhões de 120 e 305 m/m na Diretoria de Armamento; foi à Fortaleza de Santa Cruz para embarcar o Capitão-de-Mar-e-Guerra Protógenes Pereira Guimarães e os officiaes que lá estavam presos e, principalmente, levou para bordo do *São Paulo* a informação de que tinha avistado uma lancha com o pavilhão de Ministro da Marinha atracando em um dos destroyers.”

Em seu depoimento, na condição de testemunha, declarou:

“... Que a lancha deu uma volta e vinha para bordo, passando pelo Sul da Ilha das Enxadas, quando na altura do *Cuyabá*, viram que uma lancha com o pavilhão do Ministro da Marinha atracou em um dos destroyers.

“Que chegando a bordo, o *São Paulo* estava ainda na bóia e em postos de combate,

Propércio fallou para o passadiço com o Tenente Amaral Peixoto, dizendo que o Ministro tinha estado a bordo de um destroyer e já ia para bordo do Minas, e que achava bom o Tenente por a pique todos os destroyers que estavam ao N. da Ilha das Cobras.

*"Que Propércio também perguntou ao Tenente se queria que elle fosse buscar a lancha com o Ministro, ao que o Tenente não deu resposta".* (fls 224 v.)

Como consequência a lancha não foi.

4 – Suboficial Manuel Seguiz Tavares. Mestre do Encouraçado *São Paulo* – Relatório datado de 15/11/1924, ao Capitão-de-Mar-e-Guerra Oscar Gitahy de Alencastro, Comandante do Encouraçado *São Paulo*.

Alínea sétima:

"Vi, uma lancha a gasolina com S. Exa. o Sr. Almirante Alexandrino de Alencar, com o respectivo pavilhão de Ministro da Marinha, apontar no meio da bahia e ser alvejada por tiros de canhão, partindo do 'São Paulo' e disparados por ordem do Sr. Tenente Cascardo, pelo canhão de salva de BE/AV; vi que duas granadas se cahiram na proa da lancha á curtíssima distancia da mesma, e uma terceira lançada *após a referida lancha ter atracado no Minas* apanhar o navio em cheio." (fls 253 e 254)

5 – Severino Ferreira de Mello – 2º SG. 6528 AE. A. Foi o organizador da contra-revolta a bordo. Reuniu um grupo de Sargentos, ao qual aderiu o mestre do navio. O plano consistia em apoderar-se das armas em poder dos sentinelas, atrair os officiaes para AV e ir prendendo-os um a um. O intento foi inicialmente conseguido com a prisão do Tenente Benjamim Audiffrent Xavier. O Tenente Augusto do Amaral Peixoto, avisado pelo Sargento Brasil, chefiando um grupo armado, travou intenso tiroteio, terminando por dominar a contra-revolta.

Depondo como testemunha, declarou:

"Chegado a ré esperou pela condução, que o levaria para a terra, ainda algum tempo,

mas depois tocou postos de combate. Que voltou para o seu alojamento, indo pelo convez, e mudou a roupa, tornando a vestir-se de mescla, veio ao lavatório dos inferiores por cuja vigia viu que se dirigia para o *Minas* uma lancha com o pavilhão de Ministro da Marinha.

"Que atiraram sobre a lancha do Ministro e o primeiro tiro cahiu nas proximidades da dicta lancha, tendo ella guinado para BE, mas um official que vinha no paneiro, vestido de azul e capa branca acenou ao patrão, e a lancha voltou ao rumo em que seguia anteriormente. Que vendo o Ministro da Marinha dirigir-se para bordo do *Minas Geraes* e notando que o *São Paulo* se aprontava para mover-se, julgou que seria útil fazer a bordo qualquer coisa que impedisse o *São Paulo* de suspender, o que facilitaria a tarefa de ser elle dominado pelo *Minas Geraes*, foi então que pensou em organizar a bordo uma contra-revolução." (fls 330e 330v.)

6 – Manuel de Araújo – GR nº13095-SE. Depondo como testemunha, declarou:

"que logo que o navio largou da bóia, e deu adeante um pouco e parou logo, parece que por falta de pressão, sendo então disparados tiros contra barcas da Cantareira e contra uma lancha com o pavilhão do Sr. Ministro da Marinha.

"Que enquanto atiravam na lancha o Tenente Amaral Peixoto gritava no passadiço que *não atirassem para acertar na lancha mas somente para intimidar.*" (fls 411e 411v.)

Sobre este tema, a movimentação da Lancha *Olga*, é oportuno considerar a opinião do Segundo-Tenente Augusto do Amaral Peixoto Júnior:

"... Avistamos a lancha do ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar. Vários disparos foram feitos com o canhão-revolver de 47 m/m visando a proa da embarcação, intimando-a a não prosseguir em dire-

ção ao *Minas*. Como vimos que o velho Almirante seguia resoluto para o *Minas Gerais*, cessamos o fogo. Quando porém o Capitânia içou no tope do mastro o pavilhão de Ministro, nós içamos no nosso o pavilhão nacional. A bandeira vermelha tremulava então com galhardia no mastro de combate.

“Muitos atribuem o nosso fracasso ao facto de termos sido complacentes com o Ministro. Creio porém, que não seria com a morte do Almirante Alexandrino que iríamos obter adhesões. Embora todos o julguem um mal ministro, elle possui grandes amizades na Marinha, principalmente entre os marinheiros.”<sup>22</sup>

O canhão de 47 mm, semi-automático, de cadência de tiro classificada como extra-rápida, tem velocidade de mais de 20 tiros por minuto. O número de disparos, três, espaçados, e não o emprego da efetiva cadência de fogo, é compatível com a intenção de advertência ou intimidação, conforme afirmada pelo Segundo-Tenente Augusto do Amaral Peixoto Júnior. No entanto esta intenção, para aqueles embarcados na lancha, dificilmente poderia ter sido compreendida, não diminuindo a coragem por eles demonstrada.

Ao ser avistada a lancha que conduzia o Almirante Alexandrino, ainda acreditava-se a bordo do *São Paulo* que o *Minas Gerais* tinha aderido. Isto porque cerca de meia hora antes, o Primeiro-Tenente Herculino Cascardo tinha enviado a 6ª lancha ao *Minas Gerais*, levando uma intimação. O sinal convencional era que a guarnição formasse a ré, o que foi ordenado pelo oficial de quarto, Segundo-Tenente Sylvio de Camargo. Reconhecida a senha, julgaram do *São Paulo* que tinham ganho o principal aliado. Não sabiam que, prontamente, o Comandante do encouraçado, Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Frederico de Noronha,

já fizera malograr a tentativa e por isso queriam impedir a chegada do Almirante Alexandrino a bordo do *Minas Gerais*. Só se convenceram do resultado desfavorável quando o pavilhão de Ministro da Marinha foi içado às 08:15 horas.

O relatório do Encarregado do IPM não considerou a possibilidade da lancha conduzindo o Ministro da Marinha ter se dirigido para o *São Paulo*. Baseado nos seis depoimentos citados, conclui em sentido contrário, como comprovado na folha 842:

“Por ordem do 1º Tenente Cascardo, intimaram-se nessa ocasião barcas de Nichteroy a interromper o tráfego, dando-se para isso alguns tiros (fls 78, 256, 411v); de uma dessas barcas foram dadas vivas á Marinha (fls 256).

“A seguir foi avistada de bordo a lancha do Sr. Ministro da Marinha, com a respectiva insígnia, (fls 49, 253, 296, 330v, 411v) que parecia dirigir-se para bordo do E. *Minas Gerais*. O 1º Tenente Cascardo mandou atirar sobre ella (fls 49) e não deixar atracar no *Minas Gerais* (fls 49). Tres tiros foram dados contra ella (fls 78, 211v, 254, 330v, 416 e 610); a lancha porem não foi atingida e atracou no Capitanea, onde o Sr. Ministro saltou. (fls 254, 41v)“

Esta última declaração do Encarregado do IPM, de que “a lancha porem não foi atingida”, contradiz o Embaixador Carlos Alves de Souza. Ele afirmara que “atingira um marinheiro que estava na proa”. Os marinheiros feridos, nesta ocasião, estavam na cozinha do *Minas Gerais* quando, instantes antes da atracação da lancha, o terceiro disparo do *São Paulo* atravessou antepara do costado. Eram eles os 2º CL 9382-SE João Aureliano da Silva e o Carvoeiro 5512 Augusto Boaventura da Motta.

B – Artigo do jornal *A Noite* (com o suposto plano da prisão do Almirante

22. PEIXOTO, Augusto do Amaral. Memória da Revolução. Montevidéu, Uruguai. FGV/CPDOC, s.d.

Alexandrino a bordo do *São Paulo*, e a realização do *Conselho dos Commandantes*)

Da leitura das 833 folhas que constituem o IPM, não se encontra nenhum registro deste assunto (a prisão do Almirante Alexandrino), quer sobre a forma de pergunta formulada pelo Encarregado, quer por declaração de depoentes. Apresenta racionalidade a conclusão de que, ao longo dos seis meses da sua duração, caso houvesse algum indício daquele plano, seria realizada a devida investigação. O que não aconteceu.

Por sua vez a realização de um *Conselho de Commandantes* não encontra acolhida em nenhuma folha do IPM, que ignorou-o completamente. Nada foi perguntado pelo Encarregado do IPM e nada foi declarado. Mesma conclusão do parágrafo anterior.

Da consulta à documentação, oral e escrita, do Almirante Augusto do Amaral Peixoto Júnior, verificou-se que nada existe sobre o "plano da prisão do Almirante Alexandrino e convocação de Conselho de Commandantes" como noticiado no jornal. Ao contrário, a não aceitação da sugestão, feita pelo patrão da 6ª lancha, Propércio, para "trazer a lancha do Ministro", não foi aceita. Este fato aconteceu antes dos três disparos mencionados.

### 3 - Comunicação, do Chefe do Gabinete ao Exmo. Sr. Ministro da Marinha, em 15 de novembro de 1924

Ocupava o cargo o Capitão-de-Mar-e-Guerra Arnaldo Pinto da Luz, que, pela *Comunicação* acima, em detalhes, registrou o que se passara naquela ocasião; como a notícia da revolta do Encouraçado *São Paulo* chegara ao Gabinete; como procedeu para informar ao Almirante Alexandrino; que coube ao Capitão-Tenente William Muniz Barreto acompanhar o Almirante Alexandrino a bordo da lancha; que o Almirante Alexandrino antes de ir para o *Minas Gerais*

passara no Tender *Ceará*; quais os oficiais que com ele permaneceram no Gabinete; que fora ele, Chefe de Gabinete, quem participara a comunicação ao Palácio do Catete, no intuito de conseguir a autorização do Presidente Bernardes para que os submersíveis atacassem o *São Paulo* e que, uma vez recebida a referida autorização, fez com que o *Tenente Alves de Souza* fosse leva-la aos mesmos, como este o fez; que o Capitão-Tenente Muniz Barreto regressara de bordo do *Minas Gerais* com a ordem escrita de Alexandrino para que o torpedeamento fosse levado a efeito; que mandara preparar aviões para bombardear o *São Paulo* e outras providências que julgara necessárias.

Alem deste resumo dos fatos e providências tomadas, é oportuna a transcrição daqueles trechos da *Comunicação do Chefe do Gabinete* que se relacionam diretamente com os seus correspondentes do livro do Embaixador Carlos Alves de Souza, e que, posteriormente, tornaram-se a referência citada pelo Almirante Mário Hermes, em seu trabalho.

"1 - A 4 do corrente, quando ainda me achava em meu quarto, no edificio do Ministerio, fui procurado pelo Commandante do encouraçado *São Paulo*, que trazendo em sua companhia o Capitão Tenente Azeredo Rodrigues, me comunicou o levante do seu navio. Sem perda de tempo, me dirigi para os aposentos de V.Exa., acompanhado pelos referidos officiaes, e transmitti a V.Exa a noticia, que foi melhor esclarecida pelo alludido Capitão Tenente Azeredo Rodrigues. Voltando ao meu quarto para trocar de uniforme, visto que estava de mescla, alli me procurou, pouco depois, o continuo Pompilio, levando uma ordem de V.Exa.

"Seguindo para o Gabinete, a fim de, pelo telephone, dar cumprimento á ordem recebida, que era a de mandar preparar os submersiveis para o ataque ao *São Paulo* soube, então, que V.Exa. seguira para o Arsenal, e que o Capitão

Tenente Muniz Barreto para alli se encaminhara, ao encontro de V. Exa.”<sup>23</sup>

Nesta parte da sua comunicação, o Chefe do Gabinete indica o Capitão-Tenente William Muniz Barreto, ajudante-de-ordens, como o *oficial que acompanhou o Ministro na ida para o Minas Gerais*. Continuando:

“5...Tendo eu recebido de V. Exa., e transmittido somente a ordem para que se preparassem, estando V. Exa. no mar, julguei do meu dever communicar-me com o Palácio, afim de ser obtida a autorização do Sr. Presidente da Republica para a referida acção. Essa autorização me foi dada através do Sr. General Santa Cruz, e immediatamente communicada aos Commandantes dos submersiveis, pelo *Tenente Alves de Souza*, que foi á doca, em companhia do Capitão Tenente Edgard de Mello, ajudante de ordens do Sr. Presidente, e que pouco antes chegara ao Gabinete...”<sup>24</sup>

No tocante à suposta permanência do *Primeiro-Tenente Carlos Alves de Souza*, da noite do dia 3 para a manhã do dia 4 de novembro, relata que:

“14 – Alem do *1º Tenente Alves de Souza* chegaram ao Gabinete, cedo, o Capitão Tenente Helvécio Rodrigues e o auxiliar do Gabinete o Sr. Reis Vianna, tendo sido por mim mandado para bordo do *Minas Geraes*, ás ordens de V. Exa. o Capitão Tenente Helvécio Rodrigues, logo que se apresentou oportunidade. O Sr. Reis Vianna e o *1º Tenente Alves de Souza ficaram comigo*, não seguindo posteriormente para bordo do *Minas Geraes*, inclusive eu, porque V. Exa. assim determinou.”<sup>25</sup>

As diversas vezes em que o Chefe do Gabinete se refere ao *Primeiro-Tenente*

*Carlos Alves de Souza*, tornam patente que ele *permaneceu no Gabinete, em terra*.

B – Artigo do jornal *A Noite* (com o suposto plano da prisão do Almirante Alexandrino a bordo do *São Paulo* e a realização do *Conselho dos Commandantes*).

O Chefe do Gabinete relatou como a notícia do levante do *São Paulo* chegara, trazida pelo seu comandante, que estava acompanhado pelo Capitão-Tenente Azevedo Rodrigues. Este último, pouco antes, baixara terra do Encouraçado *São Paulo* e o Segundo-Tenente Augusto do Amaral Peixoto Júnior explica como se passou:

“...A surpresa maior estava-nos reservada na hora da chegada do resto da guarnição. Em vez do rebocador, atracou um pequeno bote conduzindo o Cabo Brasil Gonçalves da Silva, que nos informou que o movimento já estava descoberto e que o rebocador das praças havia sido detido no Arsenal. Ele escapara e na Praça 15 de novembro alugara uma condução.

“Este golpe era realmente grave. Para movimentar o *São Paulo* éramos apenas sete officiaes e a metade da guarnição! O remédio consistia em redistribuir o pessoal, o que foi feito às pressas.

“Estranhámos o faro policial do Gabinete do Ministro da Marinha, mas logo tivemos a origem da denúncia. Foi mais uma lição que aprendemos. Na guerra não se pode confiar em ninguém e o coração deve ser posto em segundo plano.

“Sucedeu o seguinte: ao clarear o dia, fui pessoalmente na vedeta de bordo (pequena lancha a vapor) ao cais da Praça 15 para receber os officiaes que, avisados na véspera, deveriam vir para bordo. Dois officiaes simpáticos á

23. LUZ, Arnaldo Pinto da. Comunicação do Chefe do Gabinete ao Exmo. Sr. Ministro da Marinha. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1924, p. 1. Serviço de Documentação Geral da Marinha.

24. LUZ, Arnaldo Pinto da. op. cit. p. 3.

25. LUZ, Arnaldo Pinto da. op. cit. p. 5.

revolução, mas que não concordaram com o levante isolado do *São Paulo*, manifestaram o desejo de baixarem a terra, no que concordamos. Um terceiro oficial, tipo neutro, mas boa pessoa, também fez o mesmo pedido, sendo atendido. Uma vez em terra, este último, pesou a sua responsabilidade e resolveu apresentar-se ao Ministro da Marinha, narrando o que estava se passando no *São Paulo*. Foi preso, mas o movimento estava denunciado.<sup>26</sup>

Apesar do enorme prejuízo causado, o Almirante Augusto do Amaral Peixoto sempre declinou de revelar o nome do oficial. Quando perguntado, em depoimento oral no Serviço de Documentação da Marinha em 1975, alegou que o referido Capitão-Tenente ainda tinha parentes em atividade, e que não apreciaria constrangê-los com a revelação.

Por mais inteligente o que fosse o plano dos revoltosos, como publicado pela *A Noite*, dificilmente poderia ter sido imaginado o emprego do Capitão-Tenente Adalberto Azeredo Rodrigues como meio de comunicação, ou inocente útil.

4 – *Inquérito Policial Militar* relativo ao Encouraçado *Minas Gerais*. Nomeado encarregado o Sr. Capitão-de-Fragata Hugo Roure Mariz, e como escrivão o Sr. Capitão-Tenente Joaquim Novaes Castello Branco. Constituído por 148 páginas, iniciado em 1º de dezembro de 1924 e encerrado em 8 de janeiro de 1925, foram ouvidas 40 testemunhas e indiciados seis oficiais e um sargento, dos quais os mais conhecidos ainda hoje, são Segundo-Tenente Sylvio de Camargo, Capitão-Tenente Edmundo Jordão Amorim do Valle e Primeiro-Tenente Luiz Eurico de Castilho França<sup>27</sup>.

Na sua constituição, destaca-se como altamente relevante para recuperação dos fatos acontecidos naquela ocasião, o documento intitulado "*Relato das Ocorrências Havidas a Bordo do Encouraçado Minas Geraes por Ocasião da Revolta do Encouraçado São Paulo*", elaborado pelo seu comandante, Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Frederico de Noronha, em 5 de novembro de 1924, dia seguinte aos fatos acontecidos. Do seu extenso e objetivo relato, destaca-se:

"...Às 08.15 horas chegou a bordo o Sr. Ministro da Marinha acompanhado do seu ajudante de ordens Capitão-Tenente Edmundo W. Muniz Barreto. Sua lancha ao aproximar-se deste Encouraçado foi três vezes alvejada pelo *São Paulo*, com tiros de 47m/m tendo, felizmente ficada ileso. O último tiro, em ricochete, caiu na cozinha da guarnição deste navio, furando a antepara e ferindo duas praças: 9382-SE- 2ª classe João aureliano da Silva e 5512 carvoeiro Augusto Boaventura da Motta.

"O Sr. Ministro, que foi recebido pelo Capitão de Corveta Mario Azambuja e pelo Capitão-Tenente Nelson Noronha de Carvalho, dirigiu-se imediatamente para o passadiço, onde eu me achava..."<sup>28</sup>

O comandante do *Minas Gerais* testemunha que a lancha do ministro da Marinha aproximava-se do *Minas* quando os três disparos (os efetuados pelo *São Paulo*) ocorreram, não havendo de sua parte nenhuma referência a que ela dirigia-se ao *São Paulo*, e que depois alterara o rumo por ocasião dos tiros. A pequena distância que a lancha se encontrava do *Minas Gerais* quando eles foram efetuados, conforme o

26. PEIXOTO, Augusto do Amaral. *Autobiografia*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, s.d. p. 20, 21.

27. Faleceu em 4 de outubro de 1930, quando, chefiando em Belém a revolução que depôs o presidente Washington Luiz, atacava o 23º Batalhão de Caçadores.

28. NORONHA, Carlos Frederico de. *Ocorrências Havidas a Bordo do E. "Minas Geraes" por Ocasião da Revolta do E. "São Paulo"*. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1924, p. 3.

Comandante do *Minas Geraes* declarou, corrobora que ela já estava chegando. O comandante do *Minas Gerais* afirma que recebeu o Ministro da Marinha no passadiço, pois estava em “postos de combate”, e não no portaló. Quanto ao Primeiro-Tenente Carlos Alves de Souza, “não foi visto acompanhando o Almirante Alexandrino”.

##### 5 – Denúncia Apresentada pelo Procurador Criminal da República sobre os Acontecimentos Passados a Bordo do Encouraçado São Paulo

De autoria do Dr. Heráclito Sobral Pinto, relaciona os diferentes aspectos considerados pela acusação, e que foram apresentados nas seguintes divisões: “Dos Antecedentes, Os Fins da Insurreição, Dos Elementos Alliciados, Dos Preparativos da Insurreição, De outras Medidas, Das Últimas Providências, Do Irrompimento da Sublevação, Da Tentativa de Sublevação do Encouraçado *Minas Geraes*, Da Acção dos Insurrectos no Interior da Bahia, Da Adesão de Elementos da Aviação e da Torpedeira *Goyaz*, Dos movimentos da 6ª Lancha, Da Actuação Interna dos Revoltados, Da Actuação dos Insurrectos, Da Reacção dos Sub-Officiais e Sargentos, Da Rendição e Fuga dos Insurrectos e, finalmente, O Crime de Insurreição”.

Deste longo documento, para o objetivo do presente trabalho, a peça acusatória é de importância para três finalidades: a origem da revolta do Encouraçado *São Paulo*, a ida do Almirante Alexandrino para bordo do *Minas Geraes* e o artigo publicado em *A Noite*.

A primeira encontra a sua explicação em “Dos antecedentes”, donde se extrai:

“O exame das peças colligidas nos inquéritos e a sua analyse cuidadosa, mostram bem, com absoluta segurança, que esta insurreição não foi senão o corollario

necessário da propaganda subversiva desse pequeno grupo de insubordinados a que esta Procuradoria, na denuncia que offereceu sobre a Conspiração chefiada pelo Capitão de Mar e Guerra Protogenes Pereira Guimarães, já se havia referido...” (o Procurador Sobral Pinto estende-se sobre a ligação com os revoltosos de 5 de julho em São Paulo que, chefiados pelo General Isidoro Dias Lopes, ocuparam a cidade por 20 dias, indo depois para Foz do Iguaçu, onde permaneceram nove meses).

A segunda é vista em “A Tentativa de Sublevação no Encouraçado *Minas Geraes*” e a “Da Acção dos Insurrectos no Interior da Bahia”, onde o Procurador Sobral Pinto registrou:

“A esse tempo, o Sr. Almirante Ministro da Marinha, já advertido do que occorria no mar, conduziu-se em lancha, num gesto energico e destemeroso, inspirado apenas no nobre propósito de resguardar o prestigio da autoridade, para o Enc. Minas Geraes, de onde iria dirigir a repressão contra os attentadores dos princípios do regimen, por que nos governamos...”

“Alvejaram-lhe, por tres vezes, a lancha que o transportava... um desses tiros, o ultimo, dado precisamente no momento em que a lancha do Sr. Ministro atracava ao Enc. São Paulo, digo Minas Geraes, attingiu em, ricochete, a cosinha da guarnição deste vaso de guerra...”

O Dr. Sobral Pinto, responsável pela acusação contra os revoltosos do *São Paulo*, esclarece, do mesmo modo que já o fizera o Almirante Alexandrino e o comandante do *Minas Gerais*, que a lancha dirigia-se para o *Minas Gerais*, que os disparos foram feitos próximos à atracação ao *Encouraçado*.

A terceira finalidade, refere-se ao artigo de *A Noite*, especificamente ao “...plano que consistia na prisão do Almirante Alexandrino pelos revoltosos e posterior ordem para

*Conselho de Comandante*". A atenta análise da peça acusatória, que é composta de 55 páginas datilografadas, nada encontra que possa referir-se ao mesmo, quer direta ou indiretamente, quer próximo ou longínquo. A ausência de qualquer referência demonstra o pleno desconhecimento sobre esse plano que, se real, não deixaria de ter a sua existência evidenciada pelo Procurador Criminal.

## A HISTÓRIA COMO ACONTECEU

"A Revolta do Encouraçado *São Paulo*", apresentada nas páginas 55 a 59 da *Revista Marítima Brasileira*, fundamenta-se em transcrições de *Alexandrino, o Grande Marinheiro* que, por sua vez, justifica-se no capítulo "O Segundo 5 de julho e a Revolta do *São Paulo*", do livro *Um Embaixador em Tempo de Crise*, de autoria do Embaixador Carlos Alves de Souza, e no artigo publicado em *A Noite*, em 8 de janeiro de 1927.

O cotejo, acima realizado, destas duas fontes – o livro do Embaixador e o artigo de *A Noite* – com os documentos originários do Almirante Alexandrino de Alencar, os dois Inquéritos Policial Militar, dos Encouraçados *São Paulo* e *Minas Gerais*, os relatos do Chefe do Gabinete do Ministro da Marinha e do comandante do *Minas Gerais*, a denúncia apresentada pelo Procurador Criminal da República e aqueles do Segundo-Tenente Augusto do Amaral Peixoto Júnior, tem como resultado importantes, graves e sérias contradições, principalmente quando ficou demonstrado pelo mesmos que o *Primeiro-Tenente Carlos Alves de Souza* não embarcou na lancha com o Almirante Alexandrino. Em decorrência não poderia ter, presenciado ou escrito, que:

"...mandou o patrão da lancha seguir em direção ao *São Paulo*... e eu que o acompanhávamos... atingiu um marinheiro que estava na proa... ordenou ao patrão para mudar de rumo e seguir em direção

ao *Minas Gerais*... fomos recebidos pelo Comandante Carlos Frederico de Noronha que estava no portaló... deu-me as seguintes instruções..."

Quanto à movimentação da lancha, os mesmos documentos, coerentes entre si, registram o *Minas Gerais* como seu destino ordenado e que os três tiros foram disparados próximos à sua chegada ao mesmo, tendo o último atingido o costado do encouraçado, tal a pequena distância em que ela se encontrava.

O artigo de *A Noite*, sobre "... prisão do Ministro da Marinha pelos revoltosos e a convocação do Conselho de Comandantes", que atribuiu ao Almirante Alexandrino o labéu de "*píncaro da vaidade delirante*" não apresentou em seu texto evidências que o comprovassem. Desconhecido pelo Encarregado do IPM relativo ao *São Paulo*, desconhecido na Denúncia apresentada pelo Procurador Criminal da República, desconhecido por Herculino Cascardo e Augusto do Amaral Peixoto Júnior, repousa a sua hipotética existência na exclusiva imaginação do articulista que, por escolha, optou por abrigar-se no anonimato.

## *Enfim, eis a história como aconteceu*

*Na manhã de 4 de novembro de 1924, o Encouraçado São Paulo, comandado pelo Primeiro-Tenente Herculino Cascardo, revoltou-se contra o governo do Presidente Arthur Bernardes. Contava com a adesão de outras unidades e a libertação do Capitão-de-Mar-e-Guerra Protógenes Pereira Guimarães para chefiar o movimento. Uniriam as suas forças às do General Isidoro Dias Lopes e às guarnições do Exército que acabavam de se levantar no Rio Grande do Sul.*

*O Capitão-Tenente Adalberto de Azeredo Rodrigues, que cerca de uma hora antes desembarcara do São Paulo, após*

*encontrar-se com o comandante do navio, Capitão-de-Mar-e-Guerra Githay de Alencastro, apresentou-se no Gabinete do Ministro Alexandrino. Os dois oficiais foram, pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Arnaldo Pinto da Luz, Chefe do Gabinete, conduzidos à presença do Ministro, colocando-o a par do que se passava a bordo do São Paulo.*

*O Almirante Alexandrino, acompanhado pelo seu Ajudante-de-Ordens Capitão-Tenente William Muniz Barreto, embarcou na Lancha Olga, seguindo para o Tender Ceará onde ordenou aos submersíveis que se preparassem para torpedear o São Paulo, passou pelos contratorpedeiros no fundeadouro de São Bento, e se dirigiu para o Minas Gerais. Ao aproximar-se deste último, de bordo do São Paulo foram disparados três tiros de canhão de 47 mm, para impedir o desembarque do Ministro. Os dois primeiros caíram próximos à proa, e o terceiro nos instantes em que a lancha manobrava para atracação, atingindo o costado do Minas. A lancha não sofreu avarias, bem como nenhum marinheiro da sua guarnição. Ao desembarcar, o Ministro foi recebido no portaló pelos Srs. Capitão-de-Corveta Mario Azambuja e o Capitão-Tenente Nelson Noronha de Carvalho, que o conduziram ao passadiço onde se encontrava o Comandante Carlos Frederico de Noronha, pois o navio estava em postos de combate.*

## **AÇÃO POLÍTICA DE HERCOLINO CASCARDO**

O trabalho de autoria do Almirante Mário Hermes, em seu último parágrafo da página 59, retoma a transcrição de *Um embaixador em tempo de crise* ao introduzir, intencionalmente, um acontecimento que se passará 11 anos depois da Revolta do Encouraçado *São Paulo*, e com a qual não tem relação, de

causa ou de efeito. Ao não tornar ostensivo o objeto da sua intenção e deixar de apresentar o seu próprio pensamento, é lícito supor que se expresse através da referida transcrição.

Ao leitor, que não teve oportunidade de acesso a *Um embaixador em tempo de crise*, torna-se oportuno recordar que em seu capítulo – “O segundo 5 de julho e a Revolta do São Paulo” – há várias outras referências a Herculino Cascardo, onde o Embaixador Carlos Alves de Souza manifesta o seu ponto de vista, invariavelmente, contrário ao mesmo. O Embaixador procede de acordo com o seu modo de pensar, que nem sempre observa a realidade dos fatos, como anteriormente demonstrada pelas contradições entre os seus escritos e aqueles documentos, de autoria do Almirante Alexandrino, do Encarregado do IPM do *São Paulo*, do Chefe do Gabinete do Ministro, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Arnaldo Pinto da Luz, do Comandante do *Minas Geraes* Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Frederico de Noronha e do Procurador Criminal da República Dr. Heráclito de Sobral Pinto.

O encontro, como mencionado pelo embaixador, nenhuma probabilidade apresentou de ter acontecido, pois ele, no exercício da carreira diplomática, servia no México até 16 de fevereiro de 1937. Herculino Cascardo se encontrava preso, na maior parte do tempo em regime de incomunicabilidade, aguardando julgamento pelo Tribunal de Segurança Nacional. Em sua defesa, depôs o Almirante Protógenes Pereira Guimarães, que em novembro de 1935 deixara o Ministério da Marinha, e elegera-se governador do Estado do Rio de Janeiro. Como resultado do julgamento, realizado no dia 7 de maio, recuperou a liberdade.

Desta forma, não poderia procura-lo ou ser procurado.

A atuação de Herculino Cascardo como Presidente do Diretório Nacional da Aliança

Nacional Libertadora, pode ser encontrada na extensa bibliografia existente, possibilitando aos interessados a utilização de mais de uma fonte de consulta. Este procedimento, técnico e científico, é capaz de evitar a opinião, unilateral e pessoal, como a que foi apresentada. Há também o recurso aos jornais da época, como *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *A Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *A Noite*, *O Imparcial*, *O Globo*, *A Gazeta de Notícias*, etc, que se encontram microfilmados.<sup>29</sup>

No âmbito da Marinha, este assunto foi abordado pelo Comandante Supremo das Forças Armadas, o Presidente da República, Dr. Café Filho, que dedicou atenção a ele:

"Um dos meus bons camaradas naquela corporação era o Comandante Hercolino Cascardo. Fôra Interventor no Rio Grande do Norte e, embora não tivesse apoiado o seu govêrno, tinha por ele certa simpatia pessoal. Sua Interventoria no meu Estado não ficou marcada por perseguições e facciosismos. Procurou, na medida do possível, compor-se bem com a oposição; ofereceu-me um lugar que recusei, de Diretor da Escola de Aprendizes Artífices.

"Cascardo compreendeu a minha recusa:

"- Minha intenção era nomeá-lo para uma das secretarias do Estado. Você é um líder influente no Rio Grande do Norte e preciso do seu apoio político. Acontece que não posso nomeá-lo porque você tem fama de ser comunista..."

"O Ministro Amorim do Valle conhecia a minha estima pessoal por Cascardo, quando certa vez levou-me uma lista de promoções

do Almirantado, e tinha ele próprio, o titular da Marinha, em boa conta a figura do Comandante:

"- Pessoalmente, disse-me, não faço restrições a essa promoção. Mas ela foi vetada pela quase unanimidade dos Almirantes<sup>30</sup> sob o argumento de que o Cascardo é comunista... Promovendo-o, Presidente, o senhor não descontentaria a mim, mas vai descontentar o Almirantado.

- Neste caso, Ministro, acatemos o ponto de vista do Almirantado..."

"Deixei, assim, de promover Hercolino Cascardo ao posto de almirante, na atividade militar, premido pelas mesmas considerações que êle me fizera, há mais de vinte anos antes, para não me nomear Secretário de Estado do seu Govêrno no Rio Grande do Norte.

"O curioso desta história é que nem ele nem eu nunca fomos comunistas."<sup>31</sup>

## FINAL

O Encouraçado *São Paulo*, sob o comando do Primeiro-Tenente Hercolino Cascardo, é o único navio da Marinha brasileira que saiu à barra, em plena luz do dia, sustentando combate contra as fortalezas que a defendem.

O renomado *Aquidabã*, conhecido como o *Leão de Aço*, cujo nome estará permanentemente ligado a atos de bravura em face do perigo, ao deixar a Baía da Guanabara, e o fez duas vezes, valeu-se da noite como recurso, para entrar, escolheu a madrugada.<sup>32</sup>

Falecido, Hercolino Cascardo não precisa de inscrição na sua pedra tumular. Basta-lhe o presenciado naquela ocasião pelo Segun-

29. Biblioteca Nacional. Seção de Jornais e Periódicos. Rio de Janeiro.

30. Dentro desta "quase unanimidade" encontravam-se alguns que, como tenentes, tinham sido presos a bordo, por ocasião da revolta do Encouraçado *São Paulo*. Registre-se, também, expressiva participação daqueles que tinham pertencido à Ação Integralista Brasileira (Departamento da Marinha Nacional), ou foram seus simpatizantes, e que continuaram como seus adversários políticos.

31. CAFÉ FILHO. *Do Sindicato ao Catete* - Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1966, v. 2, p. 479, 480.

32. THOMPSON, Arthur. *Guerra Civil do Brasil - Subsídios para a História, 1893 - 1895*. 3ª ed. Rio de Janeiro, 1959, p. 385.

do-Tenente Augusto do Amaral Peixoto Júnior:

“Santa Cruz disparou o primeiro tiro com um bateria de 150 m/m. O projectil, pegando no Control 1, arremessou estilhaços em toda as direções. Ao meu lado cahiram feridos o aviador Bráulio Gouveia com ruptura de duas artérias no pescoço e mais dois marinheiros, um no peito e o outro no braço. Era evidente que alli não poderíamos ficar, pois o fogo continuava com maior intensidade.

“Dirigi-me então para o passadiço, gritando que levassem os feridos para a enfermaria. Triste espectáculo me esperava! Com todos os vidros partidos dando um aspecto desolador, a roda do leme a girar

sozinha, e parece que o navio estava acephalo!

“Eis porém uma voz: leme um pouco a BE. Olhei, era o Cascardo, que enfrentando todas as balas legalistas manobrava na torre de comando! Corri os olhos pellas fortalezas: Santa Cruz, Imbuhy, Copacabana e Leme faziam contínuos disparos. Os projectis silvavam nos nossos ouvidos, produzindo, ora grande estrondo quando atingiam o navio, ora levantando grande colunas d’agua”<sup>33</sup>

Que a sua Memória tenha como companheiras, a Verdade e a Justiça.

✉ CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS> / Revolta do Encouraçado *São Paulo I*; Cascardo, Hercolino (Of. Mar. Br); *São Paulo* (Enc. Brasil);

Ensinar é ajudar a aprender.

C.B. Eavey

33. PEIXOTO, Augusto do Amaral. *Memoria da Revolução*. Montevidéu, Uruguai, FG/CPDOC, s.d. p. 2.